

COMO A TI MESMO
ou
VÍRUS
de José Rubens Siqueira

vírus, (do latim vírus, “veneno”.) s. m. sing. e pl. – germe patogênico que causa certas doenças no homem, nos animais e nas plantas. A sua faculdade de multiplicar-se, sofrer mutações e adaptar-se ao meio ambiente indica tratar-se de seres vivos parasitas, do tipo mais simples. Alguns autores modernos dão-nos como ponto de transição entre o inorgânico e o orgânico, a vida e a não-vida.

Dicionário CALDAS AULETE

PERSONAGENS

INRI DIMAS DA SILVA – 25 anos, negro, cabelo claro, corpo forte, cara de menino.

GUARDA – 25 anos, quase loiro, corpo forte, cara de menino.

TENENTE – quase 40, negro, rígido.

MULHER DAS SACOLAS – meia-idade, dona de casa que lê jornal e assiste televisão.

FOTÓGRAFA – jovem de classe média, muito arrogante, roupas masculinas, cabelo curto.

REPÓRTER – vinte e poucos anos, bonita e descuidada, feminina nas roupas masculinas.

CÂMERA – 30 anos, profundamente entediado com o próprio trabalho.

MÃE – meia-idade, negra, altiva, imensa força contida a custo.

BUGUE – 25 anos, tipo índio, grande e forte, cabelos lisos compridos.

Um poste no centro de um espaço vazio.

Não há poltronas. O público assiste em pé o espetáculo como se fosse o público da rua.

Som de sirenes que se aproximam, seguidas do vozerio de uma pequena multidão.

Entra Inri, inteiramente nu, sangue nas mãos, no peito, nas coxas e na bunda. Ofegante, em fuga, gira pelo palco.

Entra o Tenente, também ofegante e agitado, o rosto e a camisa manchados por um jato de sangue, uma corda com laço na mão.

Os dois se defrontam, imóveis.

Inri choraminga, oscilando o corpo de uma perna para outra, esfregando a mão nas feridas da bunda. Olha o sangue nas mãos.

O Tenente avança para ele, lento. Rodam em torno do poste, se rondando, como galos de briga, o Tenente girando o laço no ar.

Entra o Guarda, de capa de chuva plástica amarela e luvas pretas de borracha.

Inri registra sua entrada e estaca.

O Guarda vai na direção dele.

TENENTE – SAI!

O Guarda recua, agitado. Inri cospe no Tenente.

O Guarda vai avançar, mas se detém.

O Tenente gira o laço no ar, Inri recua, para fugir.

O Guarda impede sua saída.

A agitação fora de cena aumenta sempre; sirenes, motores de carros que se aproximam e se afastam, buzinas, vozes que gritam e riem em grande confusão.

Repentinamente, Inri desiste. Endireita o corpo, pende os braços, vira-se e olha de frente o Tenente.

INRI – Já foi... Já foi, já foi...

O Tenente atira a corda.

Aperta o laço no corpo de Inri, puxa a corda, contente e furioso. Inri cai.

Rapidamente, o Tenente passa a corda pelo poste, arrasta Inri até grudá-lo no poste, gira com a corda, amarrando seus pés e suas mãos. Agitado, o Guarda vai gritando para fora de cena.

GUARDA – Pegou! O tenente pegou! Afasta o pessoal, não deixa chegar perto! (*sai*)

Ofegante, o Tenente olha Inri amarrado no poste. Limpa o sangue do próprio rosto. Inri olha para ele, intensamente, ambos presos um no olhar do outro.

Tempo.

O Guarda entra.

GUARDA – (*olha Inri, penalizado*) E agora, tenente?

TENENTE – (*sem tirar os olhos de Inri*) Agora ele não joga sangue em mais ninguém. Pediram a ambulância?

GUARDA – O hospital tá no rádio. Estão tentando.

TENENTE – Dispensaram o pessoal?

GUARDA – Ficou só uma viatura e mais seis homens. O resto o Capitão deslocou pro trânsito. Tá tudo parado, lá da avenida até aqui.

TENENTE – (*olha as próprias mãos e depois para o Guarda*) Veja ali no botequim se me consegue um litro de álcool.

GUARDA – Álcool?

Inri ri.

O Tenente mantém um ténue controle.

Abaixa-se ao lado de Inri, segura-o pelos cabelos.

Penalizado, o Guarda se sobressalta e faz menção de se aproximar, mas estaca.

TENENTE – Você não tá doente não, não é? Tá querendo é assustar os outros, não é? Fala!

Inri cospe na cara do Tenente e guincha, sacudindo a cabeça para os lados.

Num gesto brusco e seco, o Tenente bate a cabeça dele no poste.

Inri fica tonto, mas não geme.

O Guarda se perturba com a violência.

GUARDA – Calma, tenente.

TENENTE – (*furioso, para o Guarda*) Eu não te dei uma ordem?

O Guarda se sobressalta e sai.

TENENTE – *(para Inri)* Tá doente, nada. Tá é com medo. Fez bobagem de tirar a roupa na rua, agora tá é com medo da cana. Aids pôrra nenhuma. Tu tá é pirado, tá certo? Que que é? Maconha? Cocaína, é?

Entra uma Mulher cheia de sacolas de plástico nas mãos.

TENENTE – *(para a Mulher)* Pra trás. Pra trás. Não chega perto. Ele já jogou sangue num monte de gente.

MULHER – Por que não levam embora esse homem de uma vez?

TENENTE – Tem perigo de contágio. O moço diz que tá com Aids.

MULHER – Mas por que amarrar o pobre desse jeito? E um ser humano. Não é um bicho.

TENENTE – Ser humano não faz o que esse desgraçado fez.

MULHER – Bota ele dentro do camburão.

TENENTE – Pode não, dona. Se tiver mesmo com a doença vai contaminar o carro e todo mundo que chegar perto. Jogou sangue num mundo de gente.

MULHER – Então cobre as vergonhas dele pelo menos. Tem criança olhando e tudo.

TENENTE – A gente vai providenciar.

MULHER – Por que é que ele tá machucado desse jeito?

TENENTE – Eu já disse, dona.

MULHER – Pra mim o senhor não disse nada.

TENENTE – Se cortou na placa dos carros.

MULHER – Isso tá parecendo mais é espancamento.

TENENTE – Olha, a polícia tá aqui pra manter a ordem. Ninguém não ia machucar ninguém sem necessidade. A senhora fique pra lá do isolamento dos guarda, favor.

MULHER – Eu quero saber o que é que a polícia vai fazer.

TENENTE – Já mandei pedir uma ambulância. Assim que chegar a gente remove ele daqui. Quer fazer o favor de afastar?

Entra o Guarda com um frasco de álcool.

O Tenente estende as mãos, se exibindo, o Guarda leva um instante para compreender.

O Tenente se irrita, reforça o gesto das mãos estendidas.

O Guarda se atrapalha, tem dificuldade para abrir o álcool com as luvas de borracha.

O Tenente arranca o frasco de suas mãos e abre.

Devolve o frasco aberto e torna a estender as mãos, o Guarda verte o álcool em suas mãos.

Inri oscila o corpo de um lado para outro, choramingando baixinho.

MULHER – É um crime o que vocês estão fazendo, tá ouvindo? Por que não tiram esse homem daqui de uma vez? Parece que estão gostando de fazer circo com a desgraça alheia.

TENENTE – Olha aqui, dona. Eu já mandei a senhora afastar. Aqui ninguém não tá gostando de nada, não. Um maluco sai na rua pelado, jogando sangue em todo mundo, o que é que a senhora quer que a policia faz? Ninguém não pode chegar perto porque tem perigo de contágio, tá certo? Tá vendo esse sangue aqui na minha farda? Ele que jogou. Que que a senhora quer que eu faço? A gente tá aqui se arriscando pra proteger a população pra proteger a senhora mesmo.

MULHER – Proteger de quê? Esse pobre coitado tá amarrado. Nu, na sarjeta, amarrado no poste feito cachorro louco. Isso não se fazia nem com leproso no tempo de Nosso Senhor Jesus Cristo!

TENENTE – Que é que a senhora quer que eu faço, dona? Queria ver se a senhora estava defendendo ele se tivesse levado sangue na cara que nem eu. E se eu fico doente? E se eu morro de Aids, por causa dum filho da puta dum bicha que pirou?

MULHER – O senhor veja como fala. Podia também levar tiro de bandido. Se tem tanto medo não devia de trabalhar na policia.

TENENTE – Que medo, dona Maria?

MULHER – Meu nome não é Maria!

TENENTE – É questã de segurança. Mais de duas hora que nós estamo atrás desse maluco. Oitenta homens pra caçar um maluco. E já basta um, a senhora não me venha criar mais caso.

MULHER – Pois eu vou avisar o jornal, eu vou. Vou chamar a televisão. Quero ver como é que o senhor explica por que que amarrou um homem desarmado, nu em pelo, num poste do meio da cidade, em plena luz do dia.

TENENTE – Pois, vá. Vá reclamar com o bispo. Guarda, remova a tia.

MULHER – *(para o Guarda)* Você não encoste a mão em mim, mocinho. Eu mesma saio sozinha. *(saindo)* Mas isso não vai ficar assim, ah, mas não vai mesmo! *(para o público)* Não sei como fica esse bando de marmanjo aí tudo olhando uma coisa dessa e ninguém faz nada. Por isso que este país não vai pra frente. Ninguém tem coragem de falar nada. Pisam em cima da gente e fica tudo calado, bando de carneiro. Queria ver se fosse um filho, um irmão de vocês amarrado assim no poste, feito bicho, eu queria ver. *(sai)*.

TENENTE – *(para o Guarda)* Bote a sua capa em cima dele.

GUARDA – Minha capa?

TENENTE – Não ouviu?

GUARDA – Vai contaminar!

TENENTE – *(irritado)* A corporação dá outra, pôrra.

O Guarda começa a tirar a capa, se atrapalha com as luvas, tira as luvas e despe a capa, com gestos lentos, atento a Inri que começou a cantar, mobilizando a atenção dos dois policiais.

INRI – Meu sapato já furou
Minha roupa já rasgou
Eu não tenho onde morar
Onde morar
Meu dinheiro acabou
Eu não sei pra onde eu vou
Como é que eu vou ficar
Que eu vou ficar
Eu não sei nem mais sorrir
Meu amor me abandonou
Sem motivo e sem razão
E pra melhorar minha situação

Eu fiz promessa pra
São Luís Durão...

Perplexos, o Guarda e o Tenente se olham e sorriem.

TENENTE – Vai até a viatura e vê se consegue essa ambulância numa vez.

O Guarda cobre Inri com a capa plástica e sai.

Inri continua cantando com toda alma, o Tenente se aproxima dele.

INRI – Quem me vê assim
Pode até pensar
Que eu cheguei ao fim
Mas quando a minha vida melhorar
Eu vou zombar de quem
Sorriu de mim...
Clara... Clara, faz tudo ficar claro. Eu não quero mais, não... Tô aqui amarrado, tá vendo? Amarrado mais que antes... mais amarrado... me amarraram. Tá tudo escuro, tá escuro. Eu quero claro, eu quero. Claro, eu claro... claro de luz...

TENENTE – *(debochando)* Tu tá é bêbado.

INRI – Tô não! Tô é pensando claro. Tem uma luz estourando aqui dentro da minha cabeça. Tô vendo tudo claro.

Entra o Guarda com uma carteira de trabalho, um par de sandálias havaianas e um calção vermelho na mão.

GUARDA – Tenente, encontraram isso daqui.

TENENTE – Que que é?

GUARDA – Olha aí. Lá na avenida onde ele... onde começou.

O Tenente pega a carteira e abre.

Olha a foto e aproxima-se de Inri. Compara-o com a foto.

TENENTE – Inri Dimas da Silva. É ele mesmo. Inri...*(para Inri)* Que nome é esse, hein? Hein? É ingêris, é?

INRI – Iesus Nazarenus Rex Iudaeorum...

TENENTE – *(confuso, olha o Guarda, ri, maldoso)* Pirou...

INRI – Iesus Nazarenus Rex Iudaeorum...

GUARDA – É latim tenente.

TENENTE – Latim?...

INRI – I...esus, Na...zarenus, Rrr...ex, I..udaeorum... INRI! Eu. Eu mesmo. Inri Dimas. Jesus e o Bom Ladrão... os dois... *(começa a rir)* Os dois num só. *(ri)* É eu. Filho de Deus e ladrão. Filho de ladrão e Deus. Filho da puta e Deus. Puta e Deus. Inri Dimas da Silva. Eu mesmo, prazer. Deus e ladrão, os dois pregado na cruz. Isso aí. Não tem como escapar, não. Se é Deus te pregam na cruz. Se é ladrão pregam também. Ô mãe, que que a senhora tinha de me botar nome de crucificado, mãe? Tinha de me pregar na cruz, filho da puta... filho do pai... Eli, Eli, lama sabactani!

TENENTE – Pirou.

GUARDA – *(fascinado, olhando Inri)* É o que Jesus disse na cruz antes de morrer.

INRI – *(cantarola baixinho)* Os anjos, todos os anjos.

Os anjos, todos os anjos.

Louvem a Deus, para sempre amén.

Louvem a Deus, para sempre amén.

TENENTE – *(para o Guarda)* É?

GUARDA – Eli, Eli, lama sabactani... Meu pai, meu pai, porque me abandonaste.

TENENTE – E a outra coisa? O nome dele?

GUARDA – INRI, que tá escrito em cima da cruz: Jesus Nazareno Rei dos Judeus.

TENENTE – Isso eu já entendi. E você? Como é que sabe isso daí?

GUARDA – *(envergonhado)* Eu... eu ajudava na missa em pequeno, Tenente.

TENENTE – Ah... sei. *(ri, caçoando)* Coroinha de igreja, é?

INRI – *(estende o corpo, se livrando da capa e canta alto, nu, exposto)*

Raiou. ...

Resplandeceu, iluminou...

Na barra do dia

o canto do galo ecoou

A flor se abriu

A gota de orvalho brilhou
 Quando a manhã surgiu
 dos dedos de Nosso Senhor
 A paz amanheceu sobre o país
 e o povo até pensou
 que já era feliz
 Mas foi porque
 pra todo mundo pareceu
 que o Menino Deus nasceu...

TENENTE – *(em cima da canção, logo depois dos primeiros versos, para o Guarda)*
 Você fica aí, não deixa ninguém chegar perto. Eu vou ver se com a carteira a gente consegue localizar a família.

O Tenente sai, o Guarda se aproxima cauteloso, observa Inri enquanto canta.

Inri termina a canção e olha o Guarda.

Ele vacila, mas não afasta os olhos.

Tempo.

INRI – Se desse, você até que me soltava, né? *(tempo)* Fala! *(ri)* Também tá com medo de mim? Não precisa, não. Eu tô pelado, amarrado no poste, todo arrebitado e esse mundaréu de gente tudo com medo de mim. *(para o público)* Ô moçada, tão com medo de levar Aids na cara, tão? É. Aids mata. *(tempo, fecha aos olhos, repousa a cabeça no poste)* Amor mata. *(tempo)* O Ministério da Saúde adverte: fumar pode ser prejudicial à saúde. Cigarro mata, cachaça mata, fumaça mata, carro passando na rua mata, polícia mata... *(abre os olhos)* É ou não é, guardinha? Polícia mata, bandido também mata, até comida mata. Tudo morto-morrendo. Tudo que tá vivo morrendo. Nasceu já começa a morrer. Viver mata. *(tempo)* Por isso que ninguém vive. *(tempo)* Responde, guardinha, responde que de responder não pega Aids, não. É ou não é?

Tempo, os dois se olham.

GUARDA – *(hesitante)* É.

Inri ri alto.

GUARDA – *(temeroso)* Agora é melhor você calar a boca.

Inri ri mais, possesso.

Repentinamente, transforma o riso num resmungar baixinho, fecha os olhos e bate a cabeça no poste, ritmando a própria fala com as batidas.

INRI – Clara, Clara... eu quero ir aí. Me leva, Clara, de roupa branca, me leva com você. Me leva pro céu, meu pai Oxalá, Inri filho de Ogum e de Iansã, santo macho guerreiro, santa mulher mais mulher de todas, eu os dois, Ogum de testa, Iansã de nuca, macho-mulher...*(canta)*

Ogum sonhava
com a filha de Nanã
e pensava que as estrelas
eram os olhos de Iansã
Na terra dos orixás
O amor se dividia
entre um deus que era de paz
e um deus que combatia
Como a luta só termina
quando existe um vencedor
Iansã virou rainha
da coroa de Xangô

O Guarda olha, atrapalhado, olha em torno, aproxima- de Inri.

GUARDA – *(aflito)* Ô... ô, para com isso.

Inri continua cantando e batendo a cabeça.

Desesperado, o Guardinha toca a perna de Inri com o pé.

GUARDA – Para! *(tempo)* Para!

Inri terminou de cantar e aumenta o ritmo das batidas da cabeça.

GUARDA – *(se desespera, grita)* Fica quieto! *(e chuta a perna de Inri com força)*

INRI – *(abre os olhos, fixa o Guarda)* O teu chute dói, coroinha!

Os dois se olham intensamente, o Guarda perturbado por Inri.

GUARDA – Desculpe, *(tempo, os dois se olhando)* mas não faz mais isso não, tá?

INRI – O quê?

GUARDA – Vai rebentar tua cabeça.

INRI – Não... Rebentada tava é antes. Agora eu tô eu. *(olha o Guarda um tempo)*

GUARDA – Tá doendo?

INRI – *(ri)* Tá com pena de mim? *(para o público)* Olha ai, moçada, o Guardinha tá com pena da bicha louca!

O Guarda se atrapalha, olha em torno, empurra com o pé a perna de Inri, sem violência.

GUARDA – *(baixo)* Cala a boca que vai piorar as coisas pra você. O Tenente já tá putto, ele te mata.

INRI – Melhor.

GUARDA – Você não quer morrer.

INRI – Já tô morto. Por isso que eu tô vivo, tá entendendo? *(olha o Guarda)* Não, não tá entendendo nada. O coroinha da igreja foi pra polícia pra salvar os bom e castigar os ruim. *(ri, feroz)* Defensor dos frasco de comprimido! Tu tá do lado errado, pivete! Defendendo essa carneirada *(indica o público com gesto de cabeça)* que só quer defender o deles!

Entra a Mulher das sacolas de plástico com um copo de água na mão.

INRI – *(para a Mulher, feroz)* Que é que tu quer aqui, tia? Vai pra fila do banco, saber da tua poupança!

A Mulher estaca, indignada e temerosa.

O Guarda a afasta, ela vai saindo, mas se volta e, com grande cuidado, joga o copo plástico de água ainda fechado na direção de Inri.

Ele se sobressalta, torna o gesto como ameaça e amassa o copo, com as mãos ou com o pé, fazendo explodir a água.

INRI – (num acesso, cada vez mais feroz, para o público) Estão olhando o que? Estão olhando o que? Volta pra casa, cambada! Vão perder a novela das sete! Estão olhando o que? A bicha louca que arrancou a roupa na rua, é? Louco é vocês! Louco é vocês! Mais amarrado do que eu, sangrando sem saber, pescoço pros vampiro do governo, carne pro planeta. (arremeda) Tudo meu, tudo meu, meu. Passa em cima dos outros, vende a mãe. Só eu, eu, eu. E nem eu tem mais que já venderam a alma, não é mais humano, tudo monstro, tudo monstro. Sem alma! Eu sou um ser humano, eu sou um ser humano, vocês é tudo monstro! Monstro!

GUARDA – (desesperado gritando) Cala a boca! Cala a boca!

INRI – Que é que você sabe da vida, do Bem e do Mal, pivete? Que é que tu sabe?

Entra o Tenente.

TENENTE – Que que tá acontecendo?

INRI – (canta muito alto, dançando amarrado)

Deus é o teto da casa

O diabo é a porta dos fundos

O diabo é o chão da cozinha

Deus é o vão da escada

O que há de errado

Com o meu coração

O que há de errado...

O Tenente pisa na coxa de Inri e o sacode com força. Ele continua cantando.

O Tenente agarra-o pelos ombros e sacode energicamente, Inri não para de cantar.

INRI – Deus tá debaixo da mesa
 O diabo está atrás do armário
 Deus tá atrás da porta
 O diabo está no meio da sala
 O que há de errado
 Com o meu coração
 O que há de errado...

Entra o Fotógrafo, puxado pela Mulher das sacolas que aponta Inri.

Ele olha e começa a fotografar, agitado, girando em torno da cena, Inri cantando enquanto o Tenente o sacode.

O Guarda paralisado, assiste, de boca aberta.

O Tenente se dá conta da presença do Fotógrafo e avança para ele.

O Fotógrafo se afasta, na direção do Guarda, ainda imobilizado, olhando fixamente para Inri, que se cala.

TENENTE – Guarda!

O Guarda desperta e agarra o Fotógrafo que está ao seu lado.

O Tenente avança até o Fotógrafo.

FOTÓGRAFO – Que que é isso? Larga, pô! (*se desvencilha do Guarda*)

TENENTE – Não pode mostrar isso daí, não.

MULHER – Tem de mostrar, sim. Judiação tem de mostrar.

FOTÓGRAFO – (*para o Tenente*) É? Quem falou?

TENENTE – Eu tô dizendo. Que jornal que é?

FOTÓGRAFO – Particular. Não é de jornal nenhum, não.

TENENTE – Vai me enganar que não vai levar essas foto pro jornal?

MULHER – Leva, sim. Tem de levar.

FOTÓGRAFO – Se quiserem comprar...

TENENTE – (*possesso*) Ninguém não vai inventar história de violência policial, que aqui ninguém não maltratou o cidadão ali.

FOTÓGRAFO – (*rindo*) Ah, é? E essa sangueira toda?

MULHER – Maltratou, sim, que eu vi.

TENENTE – Que que a senhora viu? (*para o fotógrafo*) Ele mesmo que fez. Acha que eu ia ser burro de descer a borracha no homem na frente de popular? Tá todo mundo aqui de prova.

FOTÓGRAFO – Então o senhor não tem do que ter medo.

TENENTE – E não tenho mesmo. Tô aqui no cumprimento do dever e não vou deixar ninguém explorar a situação pra cima de mim. Dá essa máquina aí.

FOTÓGRAFO – Pois se não teve violência, vai ter de ter agora. Se quiser a câmera vai ter de pegar na marra.

MULHER – É isso mesmo.

TENENTE – (*empurra o Fotógrafo pelo peito. Retira a mão assustado*) Mas... é uma mulher!

FOTÓGRAFO – E aí? (*levanta a câmera e faz um close do Tenente*)

TENENTE — (*confuso*) Eu não bato em mulher. (*se vira e afasta-se*)

FOTÓGRAFO – (*vai atrás dele, puxa seu braço*) Espera aí. Que história é essa de...

TENENTE – A senhorita não abuse.

FOTÓGRAFO — Que história é essa de não bater em mulher? Polícia não é pra bater em ninguém, não, tá sabendo?

TENENTE – A situação aqui já tá difícil, tá certo? Quer tirar fotografia, pode tirar, mas não complica mais não.

FOTÓGRAFO – (*faz mais um close dele*) Se fosse homem não podia, “descia a borracha”, é isso?

TENENTE – Eu tenho mais o que fazer. (*tenta sair, ela se coloca na frente*)

FOTÓGRAFO – Espera aí. Antes vai ter de explicar essa história.

TENENTE – Eu não tenho de explicar nada. (*tenta sair*)

FOTÓGRAFO – Tem de explicar, sim. O senhor é servidor público, tá sabendo? Sou eu que pago o teu salário, com o imposto que eu pago. Eu que posso exigir aqui, não o senhor. Arma na cinta não dá direito de ameaçar o cidadão.

TENENTE — Documento! Me mostra o documento.

FOTÓGRAFO – Me mostra o teu primeiro. O senhor que tá contra a lei, não sou eu, não. Eu faço questão de ir presa. Quero ver como é que o senhor explica pro delegado que tentou tirar minha câmera à força e que me discriminou porque eu sou mulher.

TENENTE – Como é que é?

FOTÓGRAFO – É isso aí. Me leva presa.

TENENTE – Que presa? Que presa? A senhorita queria fotografar, não queria? Eu já deixei, não deixei? Tá reclamando de que? Guarda, qualquer coisa eu tô na viatura, no rádio. (*sai*)

Inri começou a rezar, as atenções se voltam para ele.

INRI — Senhor meu Jesus Cristo, Deus e homem verdadeiro, criador e redentor meu, por serdes vós quem sois, sumamente bom e digno de ser amado sobre todas as coisas e porque vos amo e estimo, pesa-me. Senhor, de todo o meu coração de vos ter ofendido; pesa-me também por ter perdido o céu e merecido o inferno; e proponho firmemente, ajudado com os auxílios de vossa divina graça, emendar-me e nunca mais vos tornar a ofender. Espero alcançar o perdão de minhas culpas pela vossa infinita misericórdia amém.

Todos ouvem um tempo, imóveis.

O Tenente, voltando, ordena:

TENENTE – Eu já falei que a senhora não pode ficar aqui, tia.

MULHER – (*indignada*) Eu não sou tua tia que não sou irmã de mulher da vida, tá ouvindo?!

TENENTE – Olha, lá! A senhora não me venha desacatar a autoridade também, não, hein?

MULHER – Autoridade não se compra, se conquista, malcriado!

A Mulher vai saindo, sempre olhando para Inri que continua rezando.

Assim que ele termina a oração ouve-se um vozerio abafado fora de cena e uma voz feminina que se destaca:

REPÓRTER – Dá licença! Dá licença!

Todos olham na direção da agitação, menos Inri, deitado imóvel, de olhos fechados.

Entra uma Repórter de televisão, com o microfone na mão, acompanhada do Câmera, pendurado de equipamentos.

Imediatamente, o Tenente empina o peito, cruza as mãos nas costas, altivo a postos.

A Repórter olha em torno, com o frenetismo dos jovens profissionais, ferozes pela carreira, vê Inri.

REPÓRTER – Que horror! *(para o Guarda)* E isso aqui que está provocando o engarrafamento, então?

GUARDA – É, sim senhora.

REPÓRTER – E como é que vai resolver? Não providenciaram remoção, nada? Ele tá morto?

GUARDA – Não, senhora.

REPÓRTER – Quem que é o encarregado aqui?

GUARDA – *(indicando)* O Tenente.

REPÓRTER – *(indo até ele)* O senhor pode responder umas perguntas?

TENENTE – *(vaidosíssimo)* Às ordens. Estamos aqui pra isso.

REPÓRTER – Tem mais alguém que viu o que aconteceu?

MULHER – Eu.

TENENTE – Não tem, não senhora.

REPÓRTER – *(agitada, dirige a gravação, puxa o Tenente para um lado do poste)* O senhor pode ficar aqui. *(para o Câmera, indicando Inri)* Começa com um close dele e aí vem pra mim, ok? *(para o Tenente)* Vamos lá, então?

O Câmera se posiciona, enquadra Inri deitado no chão.

CAMERA – Um, dois, três, quatro, cinco.

Faz um gesto com a mão, a Repórter se prepara.

Inri abre os olhos e gira lentamente a cabeça, olhando para a câmera fixamente.

O operador fixa Inri uns instantes, depois desloca a camera para a Repórter.

REPÓRTER – Estamos aqui no engarrafamento monstro que está paralisando toda a zona oeste. E parece que descobrimos a causa do engarrafamento... *(ela se interrompe, sacode a mão para a lente, o Câmera baixa a câmera)*

Não, não. Eu estou repetindo engarrafamento. Espera aí. (*pensa um instante, com a ponta dos dedos na testa*) Vamos lá. Começa de novo dele.

O Tenente torna a se aprumar. O Câmera torna a focalizar Inri.

CÂMERA – Um, dois, três, quatro, cinco. (*sinal com a mão*)

Inri olha fixamente a câmera e, com grande esforço, coloca-se sentado.

O operador desloca a câmera para a Repórter.

REPÓRTER – Voltamos a falar aqui do engarrafamento monstro que está paralizando uma área de uns 9 quilômetros de ruas e avenidas da zona oeste da capital e que já provocou diversos acidentes, inclusive com feridos graves. E parece que descobrimos a causa dessa confusão. (*para o Tenente*) O senhor podia nos contar o que aconteceu? (*coloca o microfone para o tenente*)

TENENTE – O que aconteceu foi que... não foi aqui que começou. Começou foi lá na avenida, pra mais de duas hora já, tá certo? E a gente procedemo à captura, mas o indivíduo reagiu...

REPÓRTER – Que captura?

TENENTE – Ligaram pra delegacia, fazendo denúncia de atentado ao pudor. Quando chegamo no local, verificamo que o indivíduo de nome Inri Dimas da Silva...

REPÓRTER – E este que está aqui agora?

TENENTE – O mesmo.

REPÓRTER – O que é que ele estava fazendo na avenida?

TENENTE – O indivíduo se colocou no meio da via de tráfego, com os braço aberto, se jogando na frente dos carro.

REPÓRTER – Tentativa de suicídio, então?

TENENTE – É.

REPÓRTER – Mas o senhor falou de atentado ao pudor?

TENENTE – É. É que antes de atentar com a vida, tá certo?, o cidadão atentou com o pudor, tá certo? ele removeu a roupa e aí foi pra via pública. Os morador do local telefonaram pra delegacia e nós procedemo à captura.

REPÓRTER – E como é que a coisa se deslocou pra cá?

TENENTE – Bom, é que o indivíduo resistiu à capitura, tá certo? Correu pruma rua lateral. Era em duas viatura que conseguiram cercar ele, mas com a aproximação dos homens, tá certo? o indivíduo procedeu a se cortar na placa das viatura particular estacionada na via pública.

REPÓRTER – *(olhando para Inri)* Quer dizer que esses ferimentos foi ele mesmo que fez?

TENENTE – Sim, senhora. Os policial não encostaram a mão nele.

REPÓRTER – E como é que ele está todo amarrado desse jeito? Não era mais fácil levar pra delegacia?

TENENTE – É o que eu estou explicando pra senhora, tá certo? Os homem não puderam nem chegar perto, tá certo? porque ele jogava sangue nos popular e nos homem, em todo mundo e gritava que estava com Aids, tá certo?

REPÓRTER – E ele está com Aids?

TENENTE – Se está eu não sei, não senhora, mas ele disse que estava e a gente não podia arriscar pegar na mão, tá certo?, aí a gente tivemos de laçar.

MULHER – Laçaram o pobre feito gado.

REPÓRTER – O senhor que laçou?

TENENTE – Foi, sim, senhora. Quando ele falou que estava com a Aids o pessoal pediram reforço pelo rádio, tá certo? Eu não estava na zona, não, mas como eu sei jogar laço, me deu na ideia que podia resolver o caso, vim pra cá, tá certo? Aí, já era eu e mais catorze viatura, mais de oitenta homens pra cercar o indivíduo.

REPÓRTER – E onde é que está esse pessoal agora?

TENENTE – Quando nós imobilizamo o indivíduo aqui, tá certo?, o pessoal foram controlar o trânsito por causa do engarrafamento. Ficamo aqui essa meia dúzia pra segurar a ordem com os popular, tá certo?

REPÓRTER – E quando é que ele vai ser tirado daqui?

TENENTE – No camburão não pode levar por causa do contágio, mas já foi pedido uma ambulância, sim, senhora.

REPÓRTER – E não chegou?

TENENTE – Os hospital aqui da região diz que caso de Aids não atende, tá certo?

REPÓRTER – Quantos hospitais o senhor já contactou?

TENENTE! – Nessa hora que passou, seis. Tem um colega ali na viatura tentando mais outros de outros bairro.

REPÓRTER – A gente pode falar com ele?

TENENTE – *(apontando para fora de cena)* Pode. A viatura tá ali...

REPÓRTER – Não, não. Com a vítima.

TENENTE – Vítima? Melhor não, que o indivíduo tá perturbado das faculdade pode ficar violento.

Mas a Repórter já se aproximou de Inri, seguida pelo Câmera.

REPÓRTER – Como é seu nome?

INRI – *(cabeça baixa, tímido, em voz baixa)* Jesus Nazareno Rei dos Judeus Dimas da Silva.

O Câmera ri alto e para de gravar, mas a Repórter ignora, se ajoelha ao lado de Inri e o Câmera retoma a gravação.

REPÓRTER – Foi a policia que machucou você desse jeito?

Inri sacode a cabeça abaixada, indicando que não.

REPÓRTER – É algum protesto?

Inri sacode a cabeça abaixada, indicando que não.

REPÓRTER – Por que que você fez isso?

INRI – *(sempre de cabeça baixa, depois de um tempo, baixo e lento)*

De tanto ver triunfar as nulidades,

De tanto ver prosperar a desonra,

de tanto ver crescer a injustiça,

de tanto ver agigantarem-se os poderes nas mãos dos maus,

o homem chega a desanimar da virtude,

a rir da honra,

a ter vergonha de ser honesto.

Tempo de perplexidade geral, cortado pela Mulher das sacolas.

MULHER – *(entusiasmada)* Muito bem. É isso mesmo.

Inri levanta a cabeça, olha sério a Repórter e estoura numa gargalhada que estaca de repente, feroz, ameaçador.

INRI – *(com H expirado)* Hiv... Hiv... Hurra! Hiv... Agá I Vê. Agá I Vê um. Agá I Vê dois. Sabe o que é isso? É vírus. Vírus. Um bichinho danado de esperto que entra na gente e vai roendo por dentro até matar. *(ri)* Danado de burro: quando a gente morre ele morre também *(ri, ofegante, aterrorizado, mais e mais agitado)* Mas ai já passou pra outro, já passou. Pro próximo, pro próximo como a ti mesmo. Como a ti mesmo. Passa o vírus pra ele, ama ele, ama. Mata ele!

Inri cospe na Repórter que se esquiva e cai sentada, apavorada.

O Câmera vai ajudá-la a se levantar.

O Tenente avança para Inri, furioso, mas o Guarda se adianta, ajoelha-se ao lado dele, segura sua testa e aperta contra o poste.

A Fotógrafa fotografa tudo, a máquina estalando ao rebobinar o filme.

A Mulher das sacolas, temerosa, assiste afastada.

MULHER – Olha lá, olha lá! Vão fazer judiação com ele!

INRI – *(chorarmingando, imobilizado contra o poste, olhos arregalados para o Guardinha)* Você não! Você não! Olho de menino, com pena, com paixão, não bate, deixa ele bater, deixa ele, que ele não dói, ele não dói que eu tenho raiva. *(se desvencilha do Guarda e grita para o Tenente, possesso)* Bate em mim. Me bate nêgo-polícia! Me mata!

Alarmado, o Guarda torna a agarrar sua cabeça que imobiliza contra o poste.

GUARDA – *(aflito)* Fica quieto, não provoca que ele te mata.

INRI – Me mata, que eu quero, eu quero, não quero, não quero mais esta vida..
(canta, possesso)
 vida, vida, vida bandida,
 vida, vida, vida bandida, vida
 é preciso viver malandro
 assim não dá pra se segurar
 a grana tá brava a vida tá dura
 mas um tiro só não vai me derrubar

Furioso, o Tenente avança para Inri.

Começa um rumor lá fora.

O Tenente se detém.

Todos olham na direção do vozerio, enquanto Inri canta, a confusão aumenta.

MULHER – *(aflita com a agitação, para o Tenente)* Faz alguma coisa! O senhor não vai fazer nada? Porcaria de polícia que só serve pra ameaçar o cidadão.

TENENTE – *(para o Guarda)* Vai ver se é a ambulância.

O Guarda sai. O Tenente avança furioso para Inri. Mas estaca quando entra uma segunda mulher, nervosa e apressada. Ela se imobiliza ao ver Inri amarrado.

Inri se cala e olha a recém-chegada um breve tempo suspenso, em silêncio.

TENENTE – *(subitamente explodindo de raiva)* Que zôrra é essa, pô? *(para a recém-chegada)* Não chega perto, afasta! Tá muita gente aqui. Eu só deixei a televisão.

Empurra o Fotógrafo e a Mulher das sacolas para fora de cena, volta para remover a mulher que acabou de entrar. O Fotógrafo e a Mulher das sacolas voltam junto com ele, interessados na nova personagem que o Tenente agarra pelo braço para afastar.

Entra o Guarda.

GUARDA – *(para o Tenente, indicando a recém-chegada)* É a mãe dele, Tenente.

MULHER – Coitada!

A Mulher, solícita e compungida, avança para abraçar a Mãe.

A Mãe firme e educadamente evita o abraço. Aproxima-se lentamente de Inri, todos imóveis atentos.

Inri está rígido e alheio, olhos fixos na Mãe.

Ela não chora. Se abaixa diante dele, limpa com a mão o sangue do rosto dele. Inri não reage.

O Fotógrafo fotografa.

A Repórter se adianta, microfone na mão.

CAMERA – *(puxando a Repórter pelo braço)* Só tem mais dois minutos de fita.

REPÓRTER – *(agitada)* Pega outra na perua, então. A mãe do cara chegou!

TENENTE – *(para o Guarda)* E a ambulância?

CÂMERA – *(para a Repórter)* Qual é, Débinha? O que interessa é o engarrafamento.
A gente já fez.

GUARDA – *(para o Tenente)* Nada. Nenhum hospital quer mandar. Diz que caso de Aids não atende.

REPÓRTER – *(para o Câmera, mas atenta aos policiais)* Você acha?

CÂMERA – Claro.

REPÓRTER – Mas eles não estão conseguindo ambulância, A coisa pode ficar séria.

TENENTE – *(saindo)* Eu que vou ter de cuidar disso, senão a gente fica aqui até amanhã.

CÂMERA – *(para a Repórter)* Que séria, meu? Quem que vai querer saber dum maluco que saiu pelado na rua?

TENENTE – *(voltando até o Guarda)* Mantenha a ordem e não fala nada com eles não.
(indica a Repórter e o Câmera) O que tinha que falar eu já falei. *(sai)*

REPÓRTER – *(para o Câmera)* Vamos fazer pelo menos esse rabinho de fita.

CÂMERA – *(contrariado)* Tá bom. Vamos lá, vai.

O Operador coloca a câmera no ombro, agacha-se e enquadra a cena.

A Repórter se aproxima da Mãe. Olha o câmara, esperando o sinal. O Operador faz o sinal.

REPÓRTER – *(abaixando-se ao lado dela)* A senhora é mãe dele?

MÃE – *(levantando, sem tirar os olhos de Inri)* Sou.

REPÓRTER – *(levantando)* E a senhora tem idéia por que que ele fez isso?

MÃE – *(sem tirar os olhos do filho)* Tudo machucado...

REPÓRTER – A senhora acha que foi a polícia...

MÃE – *(ignorando a interrupção, sempre fixando Inri)* ...por dentro. Tanto tempo.

REPÓRTER – Aconteceu alguma coisa que a senhora...

MÃE – *(olhando para a Repórter, firme)* Meu filho é bom moço.

INRI – *(baixo, rindo)* Mentiiiiira...

MÃE – Trabalhador, instruído. Segundo grau, não completou, mas estudou.

INRI – Já foi, já foi...

MÃE – Três mês desempregado. Três mês. Procurando. Fez concurso pra segurança. Passou; primeiro lugar. Contrataram o outro do segundo lugar. Porque era branco.

REPÓRTER – Então... a senhora acha que é... problema racial... é um protesto?

MÃE – *(olha para Inri)* É desgosto. Hoje cedo jogou tudo fora, da janela: os livro, roupa, fita, até o rádio jogou. Me prendeu no quintal. Saiu pra rua, só de calção e sandália.

A Fotógrafa fotografa, o clique da máquina agitando a cena.

O Guarda olha, compungido.

O Câmera baixa a câmera e se levanta.

CÂMERA – Acabou a fita, Débinha.

REPÓRTER – Você não quer mesmo pegar outra?

CÂMERA – Pô!...

REPÓRTER – *(deixa pender o braço com o microfone, hesita um instante)* Tá legal. Vambora. *(afasta-se)*

A Mulher das sacolas se aproxima da Mãe.

Inri fecha os olhos, começa a gemer baixinho.

Repórter e Câmera vão saindo.

CÂMERA – Isso aí não pega nem trinta segundos no noticiário.

REPÓRTER – Mas tem o Show de Domingo. A matéria é forte, pô.

CÂMERA – (*gozador rindo*) Nem quinze segundos.

REPÓRTER – Quer apostar?

CÂMERA – Só se a polícia tivesse matado ele.

REPÓRTER – (*alarmada*) Você acha que vai?

CÂMERA – Qual é, meu? A mãe já tá aí, isso aí não vai dar em nada.

A Fotógrafa se junta a eles e os três saem comentando baixo.

A Mulher das sacolas dá um lenço para a Mãe que continua como se ainda falasse à Repórter.

MÃE – (*limpando o sangue da mão no lenço*) O Bugue brigou, foi embora, ele se trancou no quarto. Dia inteiro, só ouvindo música.

INRI – (*baixo*) Não...

MÃE – Só ouvindo música. Rádio e fita. A Clara Nunes que o Bugue deixou. Sabe que ele gosta. As outra levou tudo, o Bugue levou, junto com os instrumento. (*entrega o lenço à Mulher*)

MULHER – (*interessada na Mãe, mas recusando o lenço apavorada*) Que instrumento?

MÃE – Eles toca surdo na escola de samba. O Bugue que levou, pra escola, pro terreiro tocar atabaque, os dois junto. Sempre junto. Desde que ele saiu do seminário. Melhor amigo.

INRI – Não... (*de muito longe, olhando fixamente a Mãe, ofegante*) Faz de mim instrumento da paz... Onde houver ódio, amor... Ofensa, perdão... Desespero, esperança... Onde tiver treva... levo luz. Mais consolar que ser consolado, mais amar que ser amado, perdando que se é perdoado, morrendo que se vive... Pra vida eterna. (*dá um grito*)

MULHER – (*faz o sinal da cruz*) Creindeus Padre!

A Mãe se sobressalta, mas não recua, olhando o filho.

O Guarda se agita, olha para fora de cena.

Inri se revira nas cordas, tentando se levantar sobre os joelhos.

INRI – *(grita agitado)* Amém Francisco, que eu também não quero roupa, não quero nada, me leva Clara, minha irmã, me leva pro céu pra vida eterna de verdade, amém.

Entra o Tenente, alarmado com os gritos.

INRI – *(baixo e rápido, só para a Mãe)* Não me entrega, não tira a minha roupa que eu já tô pelado! Acabou, já foi, já foi... *(grita)* Quem é minha Mãe e quem é meus irmão?

MÃE – Filho...

INRI – *(grita)* Que os morto enterre seus morto.

MÃE – Filho...

INRI – *(olhando em torno)* Quem fizer a obra de Deus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe.

MÃE – Tua mãe tá aqui, filho.

INRI – Teu filho não. Já foi. Já era.

MÃE – Não fala assim.

INRI – Teu filho tá morto. Não sente mais nada, não quero mais nada. Já foi, já foi... Isso aqui é só corpo...

MÃE – Que eu que te dei.

INRI – Não pedi.

MÃE – Você me abriu, filho. Me rasgou por dentro, me arreventou que eu não tive mais nenhum. Pedaco de mim.

INRI – *(furioso)* Que é que tu quer, mulher? Vai mexer tuas panela que é pra isso que mulher serve. Mexer panela e abrir as pernas.

MÃE – *(baixo, seca)* Cala a boca!

INRI – Boa de cozinha, boa de cuzinho!

MÃE – *(grita)* Cala a boca!

MULHER – Desnaturado!

Rompendo o controle, a Mãe avança e esbofeteia repetidamente o filho.

MÃE – Cala a boca! Cala a boca! Caia a boca! *(despenca para o chão e chora convulsamente)*

O Guarda vai avançar, mas o Tenente o detém pelo braço e ri com malícia, piscando o olho, maldoso.

A Mulher das sacolas avança.

TENENTE – *(grita)* Pra trás!

A Mulher se detém, nervosa.

GUARDA – Tenente...

TENENTE – Quietos também. Deixa ela acertar ele que a gente não pode. *(ri)*

MÃE – Por que é que você fez isso?

INRI – Por quê?...

MÃE – Porque o Bugue foi embora, é?

INRI – *(riso tristonho)* Porque eu fui embora. Deus foi embora. Já foi...

MÃE – O que, filho?

INRI – *(breve tempo, acusador, olhos pregados na mãe)* Me entregou pros padre, me largou na igreja.

MÃE – Pro quê ter o de comer, poder estudar.

INRI – *(ri)* Quem que ia querer padre preto, dona Brasilina, quem que ia querer? Aula junto, sim, estudar, melhor da classe o neguinho macumba, rezar junto, sim, cantar junto *(canta)*:

Tantum ergo Sacramentum,
veneremur cernui...

Dormir junto com os outros pode não, recreio, neguinho macumba é varrer pátio, lavar escada, tirar pó dos livros pra comer na cozinha, depois dos outros, *(ri)* pros outros comer depois da aula: come o cu do neguinho, mete o ferro, pau na bunda dele, chupa aqui o meu nervo.

MÃE – *(descontrolada, esbofeteia o filho e grita em voz aguda)* Não fala assim! Não fala assim! Eu não sabia.

Perturbado, o Guarda avança, mas o Tenente o retém, violento.

TENENTE – Quietos! Deixa.

- INRI – *(rindo)* Que é que tu sabe, mulher? Cabeça baixa, olho no chão, lavando casa dos outros, limpando merda de branco, *(arremeda)* “baixa a crista, menino, te põe no teu lugar”, pêpêpê, pêpêpê. Não tem lugar pra mim, não, não tem lugar, *(arremeda)* “meu filho é bom moço, não fuma, nem bebe, não anda com mulher”, pêpêpê, pê, pê, pê.
- MULHER – Ingrato! E eu que inda quis defender... Tá levando o que merece.
- INRI – *(ri)* P. P. P.: preto, pobre e pederasta, *(começa a se agitar)* Nada. Nem isso: nem preto, nem branco, nego-aço, sarará; nem pobre, nem rico, nem favela, nem mansão, porão debaixo do chão; nem homem, nem mulher, nem bicha: virgem. *(um soluço seco)* Ele tinha medo que eu gostava dele.
- MÃE – Quem?
- INRI – Medo de mim.
- MÃE – O Bugue, filho?
- INRI – *(arremeda)* “Homem tem que ter mulher”. Todo dia, todo dia, todo dia na minha cabeça.
- MÃE – Que nem um irmão procê, filho.
- INRI – *(chora seco)* Amor... amor nunca é feio.
- MÃE – Quer que eu chamo o Bugue? Ele te ajuda.
- INRI – Me levou na zona, mãe. Eu meti na puta, mãe, mulher sem nome, me encheu de bicho, vírus, vírus, me comendo por dentro, *(se debatendo)* Nem não gostei, não gostei. Teu filho não é homem, não! *(empina o corpo o quanto pode, sacode o sexo na frente da mãe)* Este pau que tu deu, tu mesmo cortou!

O Tenente ri. A Mãe chora.

Inri tomba, ofegante.

A Mulher das sacolas se lança sobre o Tenente, desesperada.

MULHER – Faz alguma coisa! Faz alguma coisa, pelo amor de Deus!

GUARDA – A gente tem de parar com isso, Tenente. Tem gente olhando, criança...

O Tenente olha fixo, rígido e perdido, um sorriso cruel pregado na cara.

A Mulher das sacolas não se contém mais. Pega a Mãe pelos ombros e faz com que se levante, vão saindo.

INRI – *(baixo, sem se levantar, esgotado, ofegante)* Nada. Ninguém não é nada.
Tudo é nada.

TENENTE – *(despertando, para as mulheres)* Onde é que a senhora pensa que vai?

MULHER – Vou levar ela pra minha casa. A coitada ta passando mal.

TENENTE – Ninguém sai sem ordem minha!

GUARDA – Deixa, tenente.

TENENTE – *(grita, violento)* Tu cala a boca!

GUARDA – *(ignorando o Tenente, para a Mulher)* Onde é que a senhora mora, dona?

MULHER – *(apontando para fora)* Aí em frente. Não vou fugir, não.

O Guarda olha para o Tenente, o Tenente hesita, muito nervoso.

TENENTE – *(ordenando à Mulher)* Não deixa ela sair da sua casa. A senhora é responsável.

As mulheres vão saindo devagar, a Mãe, trôpega, amparada pela Mulher das sacolas.

MULHER – Filho é assim mesmo, Quando eu vi ele aí, me deu pena, sabe? Mas ninguém não tem o direito de tratar a mãe desse jeito.

MÃE – *(se agita, tentando escapar do abraço da Mulher)* Não! Não! Tenho que ficar com ele... Vão judiar dele.

MULHER – *(arrastando a Mãe)* A policia tá cuidando, dona. Tem hora que é melhor deixar na mão dos militar. Ele bem que merece uns cascudo.

MÃE — *(saindo depressa)* O Bugue! Tenho que chamar ele, tenho que chamar. Ele sabe...

As mulheres saem.

TENENTE – *(para o Guarda)* Vai pra viatura. Fala que se essa bosta de ambulância não chega, eu acabo com ele aqui mesmo que no camburão eu não levo. A coisa tá escapando do controle.

O Guarda sai, rapidamente.

INRI – *(cantarola alto, ainda deitado)*
 E preciso amar
 as pessoas como se não houvesse amanhã
 porque se você parar pra pensar
 na verdade não há.

Descontrolado, o Tenente avança para Inri e chuta sua perna com força.

TENENTE – Cala essa boca, desgraçado. Agora chega dessa palhaçada.

INRI – *(geme e ri)* Bate, negão. Tu tá com a farda, pode bater. Frango de macumba, traidor da raça, lambe-cu de autoridade, sobe no tijolo já pensa que é tenente.

TENENTE – *(baixo e perigoso)* Eu sou tenente!

E começa a espancar Inri violentamente com chutes e socos.

Um vozerio de protesto cresce lá fora. O Guarda entra correndo, alarmado agarra o Tenente pelos braços.

TENENTE – *(se debatendo)* Larga! LARGA! fia-da-puta!

O Guarda larga, o Tenente arranja a farda, possesso. Inri ri muito alto.

INRI – Deixa. Deixa bater que eu não sinto. Eu tô pelado na sarjeta, não sinto mais dor, não tenho medo de morrer. Não tenho nada pra perder e tô mais forte que vocês tudo. Pode vim bomba, canhão, tanque de guerra que não me mata mais não. A minha morte tá aqui *(bate forte no peito)*, tá aqui, tá aqui dentro de mim. É vírus comendo a minha carne, comendo o meu corpo, mas que me deu essa luz na minha cabeça. *(subitamente se põe de joelhos e canta forte)*
 Quem me dera, ao menos uma vez,
 explicar o que ninguém consegue entender;
 que o que aconteceu ainda está por vir
 E o futuro não é mais como era antigamente.

O Tenente dá mais um chute em Inri. O Guarda o agarra. Ele empurra o Guardinha.

INRI – *(para o Tenente)* Tu tem mais raiva porque tem vergonha que eu também sou negro. Branco que é fera, negão, branco que é. Branco só sabe ser dono. Vai pegando sem pedir. Toma. Toma a terra dos índio, rouba ouro, rouba gente. Roubaram os negro tudo da África, nós tudo, roubaram a tua alma preta e te deram essa alma branca que não é tua.

Tenente leva a mão à arma, mas o Guarda segura seu braço.

INRI – *(canta)*
Quem me dera ao menos uma vez,
ter de volta todo o ouro que entreguei a quem
Conseguiu me convencer
Que era prova de amizade
Se alguém levasse embora até o que eu não tinha.

TENENTE – *(para o Guarda)* Larga que eu vou acabar com esse filho-da-puta.

Os dois lutam, o Tenente indignado, possesso, o Guarda temeroso.

INRI – *(ri alto)* Pára! Pára vocês dois. Não fica bravo, não, negão, não fica bravo que eu não sou mais preto. Sou índio. “Tu choraste em presença da morte? Em presença da morte choraste? Choraste, meu filho não és!” *(canta)*
Quem me dera ao menos uma vez.
Como a mais bela tribo, dos mais belos índios,
Não ser atacado por ser inocente.

TENENTE – *(empurrando violentamente o Guarda e sacando a arma, grita)* Me larga, pivete. Te cuida que eu te boto em cana! Respeita o superior, porra!

INRI – *(feroz, para o público)* Vocês é tudo vírus. Tudo vírus! Os de cima comendo os de baixo e os de baixo um comendo o outro. Conta no banco conta mais que amor! É vírus. Cada um defendendo o seu e fechando o olho, “o pior cego é o que não quer ver”, tudo vírus cego, ninguém não quer ver: criança morrendo de fome e os político metendo a mão no di-

neheiro grosso: o que é meu é meu, o que é seu é nosso. E vocês tudo sabendo e votando neles pra não perder a poupança, o carrão, a casa própria.

Muito agitado e nervoso, quase descontrolado, o Tenente caminha de um lado para outro, de arma na mão, olhando alternadamente o público e Inri. O Guarda caminha também, se interpondo entre o Tenente e Inri, olhando alternadamente para o Tenente e para Inri, também agitado e nervoso pelo discurso de Inri e pelo perigo iminente do descontrole do Tenente.

INRI – “De que vale acumular tesouros sobre a terra onde os verme, as traça e os vírus destrói tudo?” E não vai sobrar nada porque vocês não são gente mais não! Tudo robô, roubando a vida dos outro, roubando a vida de Deus. Certinho, bonitinho, hora pra dormir, hora pra comer, hora pra trabalhar, hora pra foder, umas vida de merda que nem sabe o que quer, tudo pau mandado, vestindo o que as revista, a televisão manda, comendo o que manda, falando o que manda. Nem não sabe mais do que gosta. Trabalho não é por gosto não, não é por amor, é só pra ganhar dinheiro. (ri) Eu que sou preto, mas vocês é que é escravo.

Ouve-se fora um surdo de escola de samba que se aproxima aos poucos.

INRI – (escuta e ri) Bate, tambor do meu povo.
(e canta no ritmo da batida do surdo)
Quem me dera ao menos uma vez,
Que o mais simples fosse visto como o mais importante,
Mas nos deram espelhos
E vimos um mundo doente.
No sétimo dia, Deus fez o Homem à sua imagem e semelhança. Mas ninguém não é mais semelhança de Deus mais, não. Nem índio, nem preto, nem branco. Voltou tudo pro lodo antes do sôpro de Deus. Não é mais gente não: é lodo é lama, nem inferno não é. É menos, é verme, é cocô, é vírus, vocês é tudo vírus comendo a terra, o ar e o mar, até o mundo morrer e nós morrer tudo junto com ele.

TENENTE – *(possesso, encostando o revólver na têmpora de Inri)* Cala a boca! Cala a boca, bicha, que eu te acabo aqui mesmo!

GUARDA – *(grita)* TENENTEEEEEE! Se acabar com ele, vai ter de acabar comigo também.

O Guarda encara o Tenente e começa a tirar a roupa. O Tenente assiste, perplexo.

Entra Bugue, um índio alto, de cabelo muito comprido, de calção e sem camisa, tocando no surdo o ritmo da música.

O Tenente assiste, paralisado, até o Guarda ficar inteiramente nu, enquanto Inri canta, de joelhos, as mãos amarradas juntas, rezando.

INRI – *(cantando)*

Quem me dera ao menos uma vez.

Entender como um só Deus ao mesmo tempo é três

E esse mesmo Deus foi morto por vocês

É maldade então deixar um Deus tão triste.

Quem me dera, ao menos uma vez,

Fazer com que o mundo saiba que seu nome

Está em tudo e mesmo assim

Ninguém lhe diz ao menos obrigado

Eu quis o perigo e até sangrei sozinho

Entenda – assim pude trazer você de volta pra mim

Quando descobri que é sempre só você

Que me entende do início ao fim

E é só você que tem a cura pro meu vício

De insistir nessa saudade que eu sinto

De tudo que eu ainda não vi.

Nos deram espelhos e vimos um mundo doente

Tentei chorar e não consegui

Enquanto ele canta e vai perdendo as forças, o Guarda solta as cordas, O Tenente avança para ele, o Guarda o agride. Confuso, o Tenente cai no chão e fica olhando, perplexo, enquanto o Guarda carrega Inri desfalecido e vai saindo.

O Bugue segue atrás tocando o surdo.

Enquanto saem, explode o Canto das Três Raças, cantado por Clara Nunes:

Ninguém ouviu
 Um soluçar de dor
 No canto do Brasil
 Um lamento triste
 Sempre ecoou
 Desde que o índio guerreiro
 Foi pro cativoiro
 E de lá cantou.
 Negro entoou
 Um canto de revolta pelos ares
 No quilombo dos Palmares
 Onde se refugiou
 Fora a luta dos inconfidentes
 Pela quebra das correntes
 Nada adiantou
 E de guerra em paz
 De paz em guerra
 Todo Povo desta terra
 Quando pode cantar
 Canta de dor
 Ô ôôôôôôôôôôôôôôô...
 E ecoa noite e dia
 É ensurdecador.
 Ai, mas que agonia
 O canto do trabalhador
 Esse canto que devia
 Ser um canto de alegria
 Soa apenas como um soluçar de dor.

FIM

Abril de 1991